



A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia

Jéssica de Sousa Monteiro*

Diego Pereira da Silva**

Resumo: O estágio supervisionado curricular consiste em um momento durante o qual são postas em prática as teorias educacionais abordadas durante a formação de professores na universidade. Ele não é apenas um momento de imitação de modelos, mas um momento de compreender a dinâmica escolar, conhecer novos métodos e aperfeiçoar os antigos. O estágio é ainda um momento em que os futuros professores podem exercer o papel de pesquisador e investigador. Nesse sentido aborda-se aqui a influência da estrutura escolar no processo de ensino e aprendizagem baseada nas experiências do estágio vivenciadas em uma escola pública da capital do Ceará-Brasil.

* Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFC.

** Graduado em Geografia pela UFC.

The influence of the pertaining to school structure in the teach-learning process: an analysis based on the experiences of the period of training supervised in Geography

Abstract: The supervised of training curricular consists at a moment during which are put in practical the boarded educational theories during the formation of professors in the university. It is not only one moment of imitation of models, but a moment to understand the pertaining to school dynamics, to know new methods and to perfect the old ones. The period of training is still a moment where the future professors can exert the paper of researcher and investigator. In this direction one approaches here the influence of the pertaining to school structure in the education process and learning based on the lived deeply experiences of the period of training in a public school of the capital of the Ceará-Brazil.

Palavras-chave:

Estágio supervisionado, pesquisa escolar, estrutura escolar, aprendizagem.

Key-Words:

Supervised period of training, pertaining to school research, pertaining to school structure, learning.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I, componente curricular do 5º Semestre do Curso de Geografia (Licenciatura) da Universidade Federal do Ceará (UFC), dando ênfase aos insumos educacionais e o processo de ensino-aprendizagem em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, do município de Fortaleza, Ceará. O estágio foi realizado no período letivo de 2012.1.

A proposta do estágio em sua realização consistiu em uma pesquisa educacional, contribuindo dessa maneira para a formação de um professor-pesquisador. Pisar no chão da escola e problematizar as diferentes situações que compreendem os espaços escolares foi nosso grande desafio. Diante das más condições de infraestrutura da escola é que resolvemos, neste estágio, estabelecer a relação entre essas condições e sua influência no processo do ensino e na aprendizagem dos alunos. Nossos principais questionamentos foram: quais são os espaços da escola que oferecem condições para os professores desenvolverem um ensino de Geografia dinâmico, criativo e questionador? Como a estrutura física influencia no processo de ensino-aprendizagem?

Analisar o processo de ensino-aprendizagem na escola onde realizamos a pesquisa não foi tarefa fácil. Nessa discussão sobre o ensinar-aprender na escola pública, é comum questões sobre os obstáculos que dificultam a aprendizagem escolar eclodirem. Dentre essas dificuldades citamos as condições materiais e físicas das escolas, as condições de trabalho dos professores, como carga horária e remuneração, dentre outras.

Entendemos que a estrutura física e material é um quadro preocupante nas escolas públicas brasileiras, é neste contexto que Kimura (2008, p.20) afirma que a existência e o consequente acesso a condições de infraestrutura são considerados pelos próprios professores das escolas como um aspecto dotado de importância fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho.

Face a esse quadro de inquietações, elaboramos nossos objetivos com o intuito de analisar a estrutura organizacional escolar e suas influências no processo de ensino-aprendizagem na Geografia e identificar os limites e obstáculos para desenvolver uma educação geográfica considerando as atuais tendências didático-pedagógicas.

Temos inicialmente na estruturação deste trabalho uma breve discussão sobre as diferentes concepções de estágio e em qual concepção esta pesquisa se encaixa. Posteriormente, inicia-se a discussão sobre a influência da infraestrutura no processo de ensino-aprendizagem.

Entra em questão o detalhamento de como está estruturada a escola onde a pesquisa foi realizada. Neste contexto aborda-se aqui a relação que existe entre a estrutura física e o ensino-aprendizagem como componente da organização escolar.

A concepção de estágio

Alguns autores tratam o estágio como um campo onde se irá desenvolver a prática nos cursos de formação de professores, nos quais essa prática se baseia na imitação de modelos, seria esse um modo tradicional da atuação do docente. É neste sentido que Pimenta e Lima (2004, p.35) afirmam que “a profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons”.

O estágio curricular é o momento em que o estudante, futuro professor, não apenas põe em prática o que foi discutido nas aulas de formação de professores, mas um momento de aperfeiçoamento de suas técnicas. Deve ter a finalidade de integrar o processo de formação do aluno, de modo que se considere seu campo de atuação como base de análise, de investigação e interpretação crítica da realidade escolar.

A prática do estágio como instrumentalização técnica, na qual o futuro profissional aprende durante esse período novas técnicas as quais ele mesmo irá desenvolver. Nessa perspectiva, a atividade de estágio fica reduzida à hora prática, ao “como fazer”, às técnicas a serem empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo da classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxogramas (PIMENTA E LIMA, 2004. p.34).

Gonçalves *apud* Pimenta (1990) considera que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Dessa forma o estágio deixa de ser apenas a prática do curso de formação de professores e passa a uma reflexão sobre a realidade da vida escolar. É nesse sentido que o estágio surge como uma fonte de pesquisa. É durante esse momento que o professor passa a atuar não apenas como docente, mas como um pesquisador. Pois, será nas pesquisas do ambiente escolar que o professor poderá se fundamentar, ocasionando assim melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, o estágio supervisionado passa a ser um momento durante a formação de estudantes e futuros professores, o qual os futuros profissionais podem ter um primeiro contato com a profissão e a realidade. Neste caso, o estágio servirá como um meio de introduzir o aluno de Geografia à pesquisa escolar.

A estrutura física da escola

A estrutura física da escola pesquisada sofreu uma reforma de ampliação, na década de 1950, deste tempo até o presente momento, foram realizadas outras reformas na estrutura, pois conforme depoimento da coordenadora da escola, as salas de aula foram restauradas, foram realizados serviços de pintura, reformas nos banheiros, modificação na sala da direção e sala dos professores.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola possui dez salas de aulas que atendem as séries do Fundamental II (6º ano ao 9º ano) e Ensino Médio, sendo estas salas classificadas como ruins nas anotações do PPP. Espaços para lazer, onde, ao adentrar na escola, pudemos notar algumas mesas de *ping-pong* e *totó*, estes espaços são utilizados na “hora do recreio”. A biblioteca fica na área central da instituição, sendo utilizada como sala de multimeios e sala de vídeo. Os laboratórios são dois, de informática e de ciências, estando estes em bom estado de conservação e com equipamentos novos.

O que percebemos, é que a utilização dessas salas laboratoriais quase não acontece. As salas da secretária e da coordenação ficam na entrada do prédio, onde uma grade separa essas salas da parte central, após a grade, localiza-se a cozinha que não possui refeitório e ao lado dela, a sala da diretoria. Encontram-se, ainda, dois banheiros e uma quadra poliesportiva. Algumas necessidades foram encontradas na apresentação do PPP, como as de Recursos Humanos, onde se encontrou a busca pela capacitação em novas metodologias e em relações interpessoais; e em Recursos Didáticos, com a necessidade de computadores para as salas dos professores.

A relação estrutura física e ensino-aprendizagem como componente da organização escolar

A escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite. Durante os turnos manhã e tarde ficam as turmas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental II e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. No turno da noite existem somente as turmas do ensino médio, voltado à educação para quem trabalha nos demais turnos (Educação de Jovens e Adultos – EJA). Com a leitura do PPP (Projeto Político

Pedagógico), observou-se que a média de alunos por série está formatada da seguinte maneira: Ensino Fundamental: 30 alunos e Ensino Médio: 45 alunos, por turma.

Analisando esse quadro da escola, muito semelhante ao quadro de outras tantas escolas espalhadas pelo país, percebemos o grande problema da superlotação nas salas de aula. Esse é um grave problema que influencia diretamente no processo de aprendizagem dos alunos.

Foi constatado nas visitas durante o estágio supervisionado, que havia um grande número de alunos por sala de aula, cerca de 30 a 35 alunos por turma. Esse grande número de alunos somado ao reduzido tamanho da sala facilitava a desordem, pois o professor não conseguia sozinho controlar os alunos que ficavam o tempo todo desconcentrados, e isso se traduzia na indisciplina.

Verificamos que o espaço da escola é pequeno em relação ao número de alunos que estão matriculados na instituição. Observando algumas salas de aulas, percebemos que uma delas, no caso, a do 6º ano, é pequena para comportar mais 20 alunos, pois as cadeiras são largas e ocupam bastante o espaço do local. Dessa forma o espaço da mesa do professor fica reduzido, impossibilitando-o de tornar a aula mais dinâmica, tratando-se de uma turma inicial do Fundamental II. Existe apenas um ventilador que não chega a certos pontos da sala de aula, causando desconforto térmico. Ainda por conta do espaço reduzido, os alunos ficam muito próximos uns aos outros, isso faz com que muitos fiquem desatentos ao que é proposto pelo educador.

Alguns questionamentos são postos ao longo das observações: até que ponto as iniciativas de melhoria em infraestrutura escolar, e aqui, podemos colocar a melhoria nas condições de trabalho dos professores, estão influenciando no processo de ensino-aprendizagem, no quesito professor-aluno?

Piletti (2004) trabalha com a relação entre ensino e aprendizado de forma que o professor seja um agente externo, colaborando na aprendizagem do aluno, mas esta dependendo do próprio aluno. Assim, compreendendo o que o autor traz, entendemos que não há ensino se não há aprendizagem, pois o ensino existe para motivar a aprendizagem, orientá-la, o ensino sendo como um dos fatores para a estimulação intelectual do aluno.

Tratando sobre o ensino, temos a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem, onde este é o objeto de estudo da didática, pois toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo de multidimensionalidade temos a articulação das dimensões humanas, técnicas e políticas-sociais. É aqui, nessas dimensões, que os professores e suas diversas estruturas didáticas devem se situar em relação à educação (CANDAU, 1993 p.13).

Mas como trabalhar sem as devidas estruturas escolares? Nesta compreensão, Satyro e Soares (2008, p.09) nos ensina que não é possível falar de infraestrutura escolar sem falar sobre os insumos, pois:

Insumos escolares são entendidos como infraestrutura de todo tipo: número médio de alunos por turma, número de horas/aula, docentes com formação superior, construção e melhoria das dependências da escola, existência de biblioteca ou sala de leitura e outros aspectos positivos. Infraestrutura é, nesse caso, tudo aquilo que o dinheiro pode comprar.

Os insumos escolares são muito relevantes na definição dos resultados educacionais e não devem ser tratados como inutilidade. Muitos são os fatores limitantes, tais como os sociais, tão dolorosamente expressivos em nossa realidade, onde temos as origens socioeconômicas dos educandos. Os efeitos dos insumos não são nulos em nossa educação, mas são reduzidos. Porém, isso não quer dizer que as políticas públicas para sua melhoria não estão, *a priori*, fracassadas.

Foi observado nas demais salas de aula, que as instalações físicas são bastante semelhantes. Apresentam problemas relacionados a aparelhos: ventiladores, portas, iluminação e pintura, preci-

sam passar por melhorias, para que o ambiente educacional influencie de forma positiva sobre o ensino-aprendizagem nas aulas em geral.

A deficiência de infraestrutura nas escolas segundo Satyro e Soares (2007, p.07) afeta diretamente a qualidade da educação. Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada ao tamanho da sala de aula e o número de alunos, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos.

Outro problema limitante para o processo de ensino-aprendizagem observado durante as experiências do Estágio Supervisionado, que também contribui para a deficiência de insumos escolares, foi o fato do professor regente, que lecionava Geografia, não ser formado na área, mas em Ciências Sociais. Durante as aulas que foram acompanhadas foi possível observar que no se referia a alguns conteúdos ligados à Geografia Humana (questões políticas e econômicas), o professor não apresentou nenhuma dificuldade, porém, no que dizia respeito à Geografia Física (e noções de cartografia básica) o professor teve perceptíveis dificuldades ao domínio da matéria.

O material utilizado para ministrar a aula era composto por pincel, quadro negro e o livro didático. A metodologia de ensino adotada pelo professor foi a da leitura dos capítulos e resolução de questões sobre a temática trabalhada em algumas explicações superficiais sobre o conteúdo contido no livro.

No que se refere à relação professor-aluno, percebemos que a desorganização do espaço na sala de aula influencia na didática do professor, que não possui muitos meios para lecionar, tanto por conta de sua formação acadêmica quanto pela indisponibilidade de materiais de apoio, como por exemplo, a escola possui apenas um globo terrestre e um mapa. No que pudemos apurar com os alunos, eles sentem falta desse material, pois consideram que as aulas do professor seriam mais dinâmicas se ele os utilizasse.

Além dessa deficiência quanto ao domínio da matéria e o uso de recursos didáticos, como já foi citado, a estrutura da sala de aula também era um fator limitante ao desenvolvimento de uma boa metodologia da parte do professor. Primeiramente, o espaço reduzido não permitia ao professor se locomover em sala, permanecendo durante toda a aula parado em frente ao quadro, enquanto os alunos, que estavam dispostos muito próximos uns dos outros, não se concentravam no conteúdo abordado, fato este que influenciou totalmente na disciplina escolar, um item fundamentalmente integrante da organização escolar.

Em suma, a estratégia adotada, não só pelo professor, mas como, praticamente, todos os educadores que ensinam na escola básica, é a metodologia tradicional, tendo uma relação professor-aluno de modo vertical, onde o conteúdo é explanado e fica a cargo dos alunos assimilarem o que foi dito para conseguirem atingir a meta escolar. Mais importante do que as aulas e a transmissão de conteúdos, na busca de cobrir extensões infundáveis da matéria, é abrir espaço para que o aluno trabalhe com temas de pesquisas, a fim de exercitar a capacidade de dar conta de temas com aprofundamento intensivo, os quais lhe permitam desenvolver a capacidade de elaboração própria (DEMO *apud* PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2007. p. 98). Assim, temos que ensinar a pesquisar e isso requer criar situações e condições didáticas para estimular a curiosidade e a criatividade.

A disciplina escolar é um tema de grande complexidade que não pode permanecer no âmbito das análises centralizadas apenas nas atribuições de responsabilidade do trabalho docente e da organização escolar (KIMURA, 2008).

No âmbito da disciplina escolar se faz necessário que haja um círculo de relações que abranjam os indivíduos participantes do ambiente escolar, professor-escola e professor-aluno. O que pode ser percebido, é que no referente à relação professor-escola, ainda não há um bom entendimento entre as partes, o que se explica pelo fato de o professor ser novato no corpo docente da escola e ainda não estar familiarizado com o novo ambiente de trabalho.

Em suma, a estratégia adotada, não só pelo professor, mas como, praticamente, todos os educadores que ensinam na escola básica, é a metodologia tradicional, tendo uma relação professor-aluno de modo vertical, onde o conteúdo é explanado e fica a cargo dos alunos assimilarem o que foi dito para conseguirem atingir a meta escolar.

O reflexo da deficiência estrutural escolar na aprendizagem dos alunos no ensino de Geografia

Durante o desenvolvimento das atividades do Estágio Supervisionado foi observado o comportamento dos alunos perante as aulas de Geografia. Na primeira turma visitada, o sexto ano 'B' do Ensino Fundamental II, foi possível notar que a estrutura oferecida nesta sala de aula (ver Figura 1), não só para o ensino de Geografia, mas para qualquer disciplina desenvolvida ali, influenciava diretamente na dinâmica.

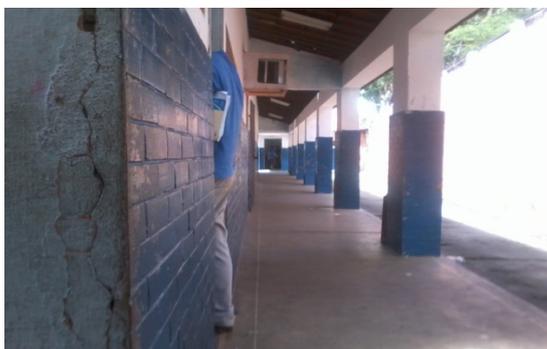
Figura 1 – Sala de aula da turma do sexto ano do Fundamental II. Mal iluminada, muito quente e espaço bastante reduzido. E possui ainda problemas de degradação visual, diversas pichações nas paredes.



Fonte: acervo dos autores.

A sala de aula apresentava um espaço bastante reduzido, no qual as carteiras encontravam-se dispostas muito próximas uma das outras, praticamente lado a lado. Este fator impossibilitava até mesmo que o professor se locomovesse na sala, ficando durante o tempo todo da aula em sua mesa, ou quando ia um número mais de alunos para a aula em que o professor era praticamente obrigado a ficar do lado de fora da sala (ver Figura 2). Esta situação, no que pode ser percebido, influenciava bastante na realização das atividades, pois a proximidade dos alunos uns dos outros favorecia o quadro de indisciplina escolar. Já na primeira visita foi possível presenciar este quadro, descrevendo os fatos, foi possível ver alunos conversando o tempo todo, outros fazendo brincadeiras, e ainda um aluno que no instante da explicação da atividade começou a andar sobre as carteiras causando grande alvoroço na sala.

Figura 2 – Em um dia de classe cheia (todos os alunos compareceram) o professor foi obrigado a dar aula da porta da sala, pois o espaço interior não permitia que ele ficasse dentro da sala.



Fonte: acervo dos autores.

Além do fator do espaço reduzido, a sala também apresentava problemas relacionados ao conforto térmico. No horário em que a aula estava sendo realizada, às

13h, horário o qual na cidade de Fortaleza o tempo está muito quente, principalmente nos lugares onde o sol está incidindo, como era o caso da sala em questão. Nesta sala havia apenas um ventilador funcionando, o qual não se encontrava na posição correta e não melhorava o conforto dos alunos, desconforto este que podia ser notado o tempo todo, pois os alunos reclamavam muito do calor dentro da sala. Outro problema perceptível em relação à estrutura dessa sala é o que se refere à poluição visual. A sala apresentava várias pichações em suas paredes e carteiras, problema este que não é exclusivo desta sala, mas de todas as outras da escola.

Somados os fatores citados acima, torna-se possível estabelecer razões para o falho desenvolvimento da aula. Durante o tempo em que estivemos na sala de aula, a professora não conseguiu em nenhum momento controlar a turma. Inicialmente, ela transcreveu uma atividade do livro didático sobre o conteúdo que estava sendo abordado no quadro, já que os alunos não tinham acesso direto ao livro, pois a escola não havia recebido o livro para o período letivo das turmas do sexto ano. Porém, poucos alunos copiaram a atividade, a maioria não mostrou nenhum interesse em copiar, mesmo após a professora alertá-los sobre a possibilidade de levá-los à coordenação e a tirar pontos.

Esta situação acaba gerando outro problema no processo de ensino e aprendizagem, a relação professor-aluno. Pois, esta postura da parte do professor, de punir o aluno, acaba por produzir um ambiente falho em relação ao respeito, já que o aluno irá ver o professor como um adversário e não o colaborador. Para Vallejo (1999; p.10) o modo como se dá a relação do professor com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como na sua própria satisfação pessoal e profissional, porque a relação professor-aluno deve ser considerada como uma relação profissional. Precisamente por se tratar de uma tarefa profissional, não se pode deixar de lado um aspecto que diz respeito diretamente da eficácia do que feito.

A visão de três diferentes indivíduos do processo de ensino e aprendizagem sobre as condições estruturais e organizacionais da escola

Para ter um traçado melhor do perfil da aprendizagem do conteúdo de Geografia dos alunos mediante as condições de infraestrutura da escola foram realizadas entrevistas com os dois professores em exercício (do sexto e do nono ano). As perguntas foram voltadas para a questão dos Insumos Escolares, considerando a estrutura de materiais de uso e consumo da escola, a formação e didática dos professores e as principais necessidades dos alunos segundo suas visões.

O primeiro entrevistado foi o professor G, foi perguntado a ele sobre sua formação, tempo de serviço, carga horária de trabalho e sobre suas maiores dificuldades como professor de Geografia. Em algumas questões foi dada a preferência de colocar as perguntas e respostas originais da entrevista. Para o entrevistador utilizamos as iniciais dos autores, J e D e para o professor a letra inicial de seu nome G.

O professor de Geografia “G” (32) é formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Ele atua há cinco anos como professor, pois antes de se formar como cientista social cursava Letras/Português e atuou por um tempo como professor nesta área. Durante o período da pesquisa (fevereiro a julho de 2012), possuía carga horária de 100 horas/aula apenas no turno da manhã na mesma escola. Quanto às suas maiores dificuldades em lecionar a disciplina de Geografia:

J e D: Sendo formado em uma área que não corresponde à disciplina que leciona qual suas maiores dificuldades?

G: Minhas maiores dificuldades são os com os conteúdos da Geografia Física, pois não tenho formação voltada para essa área. Com a parte mais humana, dá para construir uma boa aula, mas na parte física fico muito preso ao uso do livro didático. E também tenho muita dificuldade em relação ao uso de materiais didáticos que faltam muito na escola e fica quase impossível realizar algo.

J e D: Como é o acesso aos materiais disponíveis na escola?

G: Eu tenho acesso apenas ao livro didático. Gostaria de usar o laboratório de informática, mas não é possível porque há um número grande de alunos por turma e não há computadores suficientes para todos. Além de muitos dos computadores estarem quebrados.

A segunda pessoa entrevistada foi a gestora da sala de multimeios da escola, R.M. Sua função na escola é organizar e controlar o acesso aos materiais consumo e uso permanente da escola. A sala de multimeios é onde estão localizados os equipamentos como televisão, rádio, mapas, livros didáticos e materiais de consumo como cartolina, papel ofício, papel almaço, canetinhas, pincéis, tintas, etc. Nela funciona ao mesmo tempo, biblioteca, sala de leitura e sala de vídeo. R.M é formada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Ceará.

J e D: Como acontece o acesso à sala de multimeios?

R.M: A sala fica aberta durante todo o período de aulas, os professores que quiserem utilizá-las como suporte de suas aulas tem de marcar data e horário antecipadamente. Os alunos podem utilizar sempre.

J e D: Quanto à estrutura da sala, você considera que ela é adequada? Qual sua opinião?

R.M: Não. A biblioteca tem uma enorme carência de livros de literatura, os alunos procuram muito por este tipo, mas dificilmente tem os títulos que eles desejam. E o espaço físico é muito limitado, não proporciona o conforto adequado aos alunos e professores que utilizam a sala. Além da carência de outros materiais como mapas, jogos, filmes, etc.

J e D: Nas escolas públicas há a distribuição de material didático ao aluno, no caso os livros didáticos. Acontece na escola esta distribuição? E como é este processo?

Os livros didáticos são entregues todo ano. A decisão de qual livro será utilizado em cada série se dá a partir da escolha do núcleo gestor e dos professores sobre qual livro é mais adequado. Eles sempre procuram escolher os melhores, mas sabemos que a maioria dos livros utilizados não são bem estruturados, o que gera um grande problema para o ensino dos alunos. Os livros são utilizados durante um período de três anos, os alunos recebem no início do período letivo e os devolvem no final, para serem utilizados por outras turmas. Normalmente todos os alunos recebem o material, mas neste ano* algumas turmas não receberam, pois os livros vieram em quantidades inferiores ao número de alunos matriculados, então eles os utilizam apenas na escola durante o período das aulas.

A terceira entrevista foi realizada com três alunos do nono ano do Ensino Fundamental, J, EC e A. Foi perguntado aos alunos sobre suas concepções em relação à disciplina de Geografia, suas afinidades com a disciplina, os conteúdos que mais lhes despertava interesse, suas maiores dificuldades e suas visões sobre o que estava de

acordo e o que precisava melhorar na escola em relação à infraestrutura. As respostas dos alunos foram adaptadas.

J e D: Qual a sua concepção de Geografia? O que entende?

J: Ciência que estuda o planeta.

E: Ciência do planeta.

A: Ciência que explica a estrutura do mundo.

J e D: Você gosta de Geografia?

J: Não.

E: Sim.

A: Sim.

J e D: Do que mais gosta?

J: Da teoria do Big Bang.

E: De tudo.

A: A parte do meio ambiente, porque gosta mais de ciências.

J e D: Do que menos gosta?

J: Da cartografia.

E: Da cartografia.

A: Da cartografia.

J e D: Quais as maiores dificuldades?

J, E, A: Sentimos falta das explicações do professor, pois ele não dá o conteúdo direito e não utiliza materiais como mapas, globos, dentre outros.

J e D: Você gosta da escola?

J, E, A: Sim.

J e D: Em relação à estrutura da escola, você acha que essa escola facilita ou dificulta sua aprendizagem?

J, E, A: Falta muita coisa na escola, as salas são muito desorganizadas e sujas. Os alunos ficam muito perto e isso tira a concentração, além de facilitar a bagunça.

Analisando as respostas dos alunos entrevistados em relação às suas concepções sobre a disciplina de Geografia foi possível perceber que os alunos tem interesse em relação ao conteúdo geográfico, tendo mais afinidade com os conteúdos relacionados à Geografia Física. Sentem carência de aulas que tenham materiais como mapas e globos, que os ajudariam a ter mais noção de espacialidade, além disso, também sentem muita falta de materiais como maquetes e imagens expositoras. Nota-se também que há um sentimento de pertencimento à escola, porém os alunos acreditam que isto poderia ser melhorado se a escola lhes oferecesse uma estrutura melhor.

Conclusão

Concluimos que o estágio não é apenas uma imitação da prática de outros professores, nem uma instrumentalização de técnicas e tampouco apenas uma aproximação da realidade de um futuro profissional docente, mas uma junção de todas essas teorias. Pois, é no Estágio Curricular que temos nossos primeiros contatos com o ambiente escolar como um todo, e é durante esse período que se é possível aprender novas técnicas com os mais experientes e também se habilitar a desenvolver as próprias.

Partindo para a conclusão do foco central deste trabalho, conclui-se que a estrutura física da escola consiste em um conjunto que abrange não apenas os espaços físicos, mas os profissionais que fazem parte do ambiente escolar, a comunidade escolar em si e principalmente, os insumos.

Compreendemos que a sala de aula é o principal espaço escolar que deve ser estruturado para o desenvolvimento das atividades escolares, pois é nela onde acontecem as principais relações do ensinar e do aprender. Se não há uma boa sala de aula, que ofereça as mínimas condições de comodidade, tanto para o aluno quanto para o professor, esse processo será defasado.

Uma escola necessita de instalações e materiais de qualidade, pois o processo de ensino-aprendizagem é muito complexo e requer mais do que estrutura, ele requer competência e habilidade. É necessário que se adotem políticas públicas que deem subsídios para as escolas se manterem, porque uma sala de aula ideal não é composta apenas por alunos bem disciplinados e fardados adequadamente, mas a qual dá um sentido real à palavra educação, professor bem instruído e valorizado, aluno respeitado e estrutura de matérias e recursos didáticos disponíveis.

Referências

CANDAU, Vera Maria. **A Didática em questão**. ed.11. Petrópolis: Vozes, 1993. p.13-34.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008. p. 07-67.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004. PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Nuria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental**: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.

_____. **O impacto da infraestrutura escolar na taxa de distorção idade-série das escolas brasileiras de Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: IPEA, 2008.

VALLEJO, Pedro Morales. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

Correspondência:

Jéssica de Sousa Monteiro

E-mail: jessica_monteirojsm17@yahoo.com.br

Recebido em 11 de junho de 2014.

Revisado pelos autores em 28 de agosto de 2015.

Aceito para publicação em 05 de outubro de 2015.